

Inclusão Social e Diferença: Transpondo Barreiras na Relação Falante/Texto em EJA

Resumo

Este texto pretende discutir os padrões de intervenção de Pergunta-Resposta-P-R, na relação alfabetizador-alfabetizando do texto oral de conteúdos de aprendizagem, em Educação de Jovens e Adultos-EJA. Destaca os conhecimentos dos conteúdos de aprendizagem que autoriza entender a diferença desse conhecimento mais geral à análise e ao tratamento didático da linguagem em seu funcionamento. Optou-se pela abordagem etnográfica cujo corpus foi coletado em aulas de EJA, em 10 turmas do ALFASOL do município do Damião, Estado da Paraíba-Brasil. A análise dos dados fundamenta-se numa abordagem de caráter pedagógico, que considera o diálogo de P-R do discurso como relação entre os interlocutores e o seu referente, que se propõem essa relação já que são influenciados pelas determinações histórico-sociais de barreira posta pela falta de alcance à leitura e à escrita pode prejudicar, quanto a inclusão de saberes aliados a competências de jovens, adultos e idosos que compõem este universo. A análise dos dados coletados na relação falante/texto em EJA indica a predominância de um conteúdo emergente (conceituais, procedimentais e atitudinais) com características diferenciais notáveis cuja potencialidade pedagógica sinaliza, para o uso de uma didática mais específica, em EJA.

Autora

Maria José Guerra, Mestre em Ciências da Sociedade, professora titular UEPB

Instituição

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; diferença; inclusão social

Introdução e objetivo

O objetivo deste trabalho de pesquisa é discutir o tema “diferença”, como algo necessário à relação falante/texto relacionado ao processo de inclusão social. O cenário social e econômico contemporâneo parece, indicar, que no modelo de sociedade neoliberal não há lugar para todas as pessoas, entendendo-se inclusão, inicialmente como aceitação dos diferentes indivíduos, a valorização de cada pessoa, caracteriza-se assim como uma mudança aceitável e, talvez espiritual. Trata-se de promover a convivência dentro da diversidade humana. No grupo dos conteúdos “atitudinais”, por exemplo, podemos encontrar algum tipo de prática orientada para diferenças notáveis entre o que seria cumprimento de uma regra ou norma e a interiorização do tempo, da história, da linguagem e do sujeito como atores/construtores do “verdadeiro”, significado da alfabetização da EJA.

A oralidade é, em princípio, um processo natural de comunicação lingüística que antecede ao processo de educação formal direcionado à lectoescritura ou, de maneira geral, ao letramento. A lectoestrutura, por sua vez, envolve, não só as questões de leitura e escrita, mas também as práticas sociais de uso da linguagem Silva (2001, p.23). A modalidade oral é ainda tomada como básica por ser um instrumento social constante na expressão do pensamento e na interação comunicativa. No Brasil, de um ponto de vista quantitativo, há o predomínio do oral sobre o escrito como, por exemplo, as práticas sociais da EJA.

Os esquemas comunicativos e a consecução de objetivos exigem partilhamentos e aptidões cognitivas que superem em muito o simples domínio da língua em si (Marcuschi, 1999, p 16). Além disso, o esquema da comunicação pode fornecer ao pesquisador a diferença

que existe entre o conteúdo expresso por cada alfabetizando desde a diferença de condições socioeconômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos, bem como a própria negociação de identidades no diálogo da palavra, que reconhece e pode, de fato explicar a instituição da exposição, do efeito da relação falante/texto no espaço de sala de aula, como uma tarefa escolar a ser cumprida pelo alfabetizador/alfabetizando da EJA, numa situação de dimensão do tratamento didático da oralidade, referente à área de Língua do currículo, cujo objetivo pedagógico é analisar até que ponto as expressões construídas por alfabetizadores e por alfabetizados (aluno na faixa etária de adolescente, adulto e de idoso) nos trazem alguns referenciais de força pedagógica para a compreensão das possibilidades educativas, das diferentes formas de ensino-aprendizagem que acontecem nas salas de aula da EJA.

O presente estudo se situa, portanto, no âmbito do diálogo/discurso em contexto instrucional da EJA, que funciona em parceria com o Programa Alfabetização Solidária-ALFASOL. A motivação para realização, em primeiro lugar, é de caráter teórico.

Nesta perspectiva, podemos contar com as noções mínimas do par de Pergunta-Resposta (P-R), dos conhecimentos lingüísticos que visam dar uma contribuição significativa ao texto oral da prática social escolar, no que se refere à organização de seqüências didáticas elaboradas/construídas no diálogo em sala de aula, sugerida pela Análise do Discurso-AD, para encontrar, por este meio, o objeto de análise que é o Discurso Pedagógico-DP. Colaborando, nesta direção, (Orlandi, 1996) alude a que “o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido”. Em segundo lugar a fala da EJA, pode se constituir, em uma importante instituição da sociedade, dada a sua função de veiculadora do conhecimento científico na formação de jovens e adultos de Ensino Fundamental. Daí a nossa crença de que esforços para entender as condições de produção do diálogo (Freire, 1983), na sala de aula de nível fundamental, para vir a contribuir para o entendimento dos processos de construção do texto/discurso/diálogo falado de natureza instrucional.

Dessa forma, é necessária uma reflexão sobre o ato de alfabetizar jovens e adultos enquanto processo de facilitação do alfabetizador para uma atividade que enfatiza a dimensão social em detrimento da dimensão individual desse processo. No entanto questionamos: será que a sala de aula da EJA está preocupada apenas com a tarefa individual de aprender a ler e escrever ou se considera os usos e as funções sociais entendendo o caráter não individual do processo? As condições de produção atribuída à língua falada e escrita favorecem ao processo de facilitação do trabalho solidário/colaborativo com o alfabetizador e os colegas alfabetizados? Os alfabetizadores fazem a mediação necessária para a utilização da leitura de textos, em conteúdos significativos de diferentes tipologias e, para cada uma das diversas situações e de suas funções em situações comunicativas? Estes e outros questionamentos sinalizam em direção aos nossos objetivos que perseguimos em projeto de pesquisa, ainda embrionário, sobre o significado dos textos produzidos em situação da comunicação pedagógica, no interior da sala de aula.

O que estamos nos propondo, portanto, é refletir sobre a prática que a linguagem oral desempenha nas explicações do processo das conversações no diálogo, em sala de aula, em termos de como constituímos conhecimento e a nós mesmos numa perspectiva de incorporação dos conteúdos de aprendizagem, em EJA. Nesse processo a inclusão do observador na prática da investigação, por meio da expressão oral, responde à necessidade de um paradigma que não separa as diferentes dimensões da realidade, em questão. É esta riqueza e variedade de processos que consideramos formativa e temos interesse em desvendá-los.

Nesta perspectiva, este trabalho pretende apresentar, de forma sucinta, alguns pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam o estudo. Em seguida, procuramos ilustrar a teoria com uma modesta análise, que explicita o significado dado a expressões construídas de forma diferenciada e de atores sociais com faixa etária diversificada e,

conseqüentemente tem cada uma dessas expressões um conteúdo próprio, no interior das salas de aula de EJA, no município de Damião/Paraíba.

Metodologia

Neste trabalho adotamos uma perspectiva qualitativa de enfoque etnográfico. Essa forma de metodologia da pesquisa educativa pode, revelar para o pesquisador o significado das práticas escolares para analisar o que se passa no dia-a-dia do seu fazer pedagógico, sobretudo das relações sociais expressas e criadas por meio da linguagem oral das ações elaboradas por alfabetizador/alfabetizando e alfabetizando/alfabetizando. Por esta razão, a pesquisa etnográfica de sala de aula de EJA deve voltar-se para os valores, as concepções e os significados culturais dos atores pesquisados, tentando compreendê-los (André, 1995, p.44-45). Nesse sentido, a pesquisa etnográfica não deve se limitar à descrição de situações, ambientes, pessoas, ou à reprodução de suas falas e de seus depoimentos. Deve ir muito além e tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Neste caso, a teoria tem um importante papel no sentido de fornecer suporte às interpretações e as abstrações que vão sendo construídas com base nos dados obtidos e em virtude deles.

O estudo dos processos de diálogo exige ferramentas analíticas para estudar o discurso/diálogo. Aqui tomo a fala como ação situada em um contexto marcado quanto à inclusão dos brasileiros, vítima de uma história excludente, que estão por se completar em nosso país. A barreira posta pela falta de alcance à leitura e à escrita a qualidade prejudica sobremaneira de vida de jovens e de adultos, (...) incluindo também os idosos (L. Soares, 2002a p.36). Consideramos que as instituições, as práticas sociais de letramento (Soares, 2003, p.65) e os sujeitos são constituídos por diversos discursos que competem entre si. Pois, o discurso é efeito de sentidos entre os interlocutores. (Orlandi, 1996, p.21) implica, pois, alfabetização em processo (Ferreiro, 2001, p.12).

Trata-se de promover a convivência dentro da diversidade humana. Na prática diária do viver e fazer educação torna-se, de fácil apelo, a expressão tem servido para consagrar opiniões e posicionamentos políticos os mais diversos entre a sociedade e seus cidadãos excluídos. Evidentemente, esse uso irrestrito ignora as “marcas” específicas que o conceito tem no interior de alguns campos teóricos, como o dos estudos, que abordam a inclusão escolar de alunos da EJA ou de seu contraponto – a exclusão (na EJA e em outras instituições e práticas desenvolvidas nos movimentos sociais) – não só “a educação de jovens e adultos (...) que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”, como de outros grupos minoritários e em situação de desvantagem, pontos críticos e desafios (L. Soares, 2002b, p. 31), em que a questão da diferença é central e provocadora de intensos debates e de problematização.

Com relação ao processo de inclusão social, sabemos que a inúmeras teorias e explicações têm sido elaboradas para celebrar/transpor as diferenças atravessa as mais variadas dimensões: características físicas, psicológicas, comportamentais, habilidades e aptidões, talentos e capacidades são acionadas e nomeados para justificar os lugares sociais, os destinos e as possibilidades “próprias” de cada sujeito. Desde seus primeiros ensaios e teorizações, estudiosos vêm buscando acentuar o caráter fundamentalmente social de tais desigualdades; vêm procurando demonstrar que não são propriamente as características de uma educação de qualidade, mas sim tudo o que se diz ou pensa sobre elas, tudo o que se representa, valoriza ou desvaloriza em relação a educação que deve estar vinculada a qualidade de vida (social econômica, política e cultural) que, efetivamente, constitui da população numa dada sociedade/comunidade e num dado momento histórico.

A mudança da expressão de “ensino supletivo” restrito à mera instrução para “educação de jovens e adultos” é muito mais ampla. No Relatório Delores, identificou “quatro

pilares educativos” inspiradores no processo de atualização do conceito de educação de educação de jovens adultos: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver/forma de viver junto. Por esta razão a EJA torna-se mais um direito conquistado no âmbito do sistema educacional brasileiro, que é composto de bases legais das Diretrizes Curriculares Nacionais e, é incluída como a chave para o século XXI, compreendendo os diversos processos de formação e podendo ser considerada tanto consequência do exercício de cidadania como condição para uma plena participação na sociedade.

Na discussão sobre alguns termos ligados ao processo de alfabetização (Soares, 2003, p. 47) afirma, que alfabetização é ação de ensinar/aprender a ler e a escrever. Contudo, o significado da palavra letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe lê e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. A alfabetização é um conjunto de habilidades, o que caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. Alfabetizar letrando significa ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o aluno se tornasse, ao mesmo tempo, “alfabetizado e letrado”. Diferenças entre “alfabetizado e letrado”, para essa autora: um adulto pode ser analfabeto e letrado não sabe ler nem escrever, mas usa a escrita: pede a alguém que escreve por ele, dita uma carta, por exemplo (e é interessante que, quando dita, usa as convenções e estruturas lingüísticas próprias da língua escrita, evidenciando que conhece as peculiaridades da língua escrita...).

Para a análise consciente do diálogo da prática educativa de EJA e/ou de outra modalidade de ensino possível requer, que dispomos de instrumentos interpretativos que nos permitam conhecer tanto o “contexto”, como os processos de ensino-aprendizagem, por meio dos conteúdos relacionados a três dimensões, a saber: conceituais, procedimentais e atitudinais (Zabala, 1999, p. 7-135). Vejamos, a seguir algumas anotações sobre a metodologia da pesquisa.

Contextualizando a pesquisa

O marco conceitual e metodológico que sinalizam para a concepção do nosso projeto político pedagógico e fundamenta o nosso trabalho com alfabetização de jovens e adultos se baseiam nos princípios norteadores da ALFASOL, associados à visão sociointeracionista, que vislumbra ser o ensino-aprendizagem são processo distintos, que caminham juntos com a finalidade de preparar o aluno para interagir na sociedade com autonomia, de forma que possa atender às necessidades que emergem na sociedade atual. Nesse sentido ler e escrever são um processo e não mais uma aquisição mecânica de capacidades perceptivas. A sala de aula passa a ser um ambiente de Letramento, proporcionando a interação entre sujeitos em busca da aquisição da escrita como uso social.

Os sujeitos da pesquisa são constituídos do sexo masculino jovens (com 17anos); adulto (46 anos), e idosos (73) analfabetos da zona rural, inscritos nas salas de aulas, que funcionam fora da cidade e integram o número de alunos que compõem as 10 salas de aula, no Programa Alfabetização Solidária, no município de Damião, Estado da Paraíba, na região Nordeste do Brasil.

O município de Damião, segundo sua história, surgiu nos idos de 40, advindo dos nomes de dois irmãos chamados de Cosmo e Damião. Essa denominação também tem sua influência centrada na religião católica, nordestina e, mais especificamente, na devoção do padre Cícero, Juazeiro, no Ceará. O povo “idoso”, que estão matriculados no ALFASOL, comenta dos milagres e das suas promessas que, anualmente tem uns devotos, que a cada ano estão viajando ao Juazeiro porque buscam dar a bênção do “padim Ciço”, o padre Cícero Romão Batista, a quem veneram como santo e, em quase todas as residências é muito comum encontrar uma imagem de Frei Damião. No dia 20 /06/198, passou a categoria de Distrito Administrativo de Barra de Santa Rosa. Sua categoria de emancipação política aconteceu em 1996.

O município possui sua base econômica voltada para a agricultura, criação bovina e pequenas casas. A rede municipal é responsável pelo Ensino Fundamental e o Estado mantém o Ensino Médio e existe 1 turma especial de 3º grau das séries iniciais, que é Pedagogia em Serviço atende aos professores de Ensino Médio, que funciona aos sábados e feriados, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, que também é a IES parceira no ALFASOL.

O Programa mantém o total de 10 salas de aula, o aluno do ALFASOL é em sua maioria do sexo feminino. Os alfabetizadores, em sua maioria, frequentam escolas de ensino médio. A Prefeitura Municipal não tem medido esforços para cooperar e manter a parceria, colaborando e contribuindo para que o êxito do Programa sempre esteja ocorrendo.

Resultados e discussão

As razões que motivaram as reflexões do presente estudo incidem, em primeiro lugar de evidenciar, que pouca ou nenhuma atenção se tem dado a expressões construídas no interior de conversas/diálogos que acontece entre jovens e adultos mediados pelo objeto de conhecimento.

Por meio dessas expressões, foi possível captar os significados que os alunos jovens e adultos atribuem ao processo de alfabetização. Percebemos algumas semelhanças nas estratégias e motivações para a busca da alfabetização.

É importante lembrar que os conceitos teóricos empregados na análise dos textos aqui citados tratam originalmente de interações espontâneas e naturais. De certa maneira, a definição contradiz a linguagem comum empregada hoje pela maioria dos professores, que associa conteúdo como sendo: conteúdos de aprendizagem, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais (Zabala, 1999).

Todos os sujeitos da pesquisa relacionados às expressões abaixo são de origem rural, geralmente de localidades onde dificilmente se fazia muito o uso da leitura e da escrita. A aprendizagem da leitura e da escrita torna-se mais concreta, no município de Damião/PB, com a chegada do ALFASOL, pois segundo o depoimento, da maioria, é que nunca tinham frequentado uma escola. Esses sujeitos consideram-se analfabetos por não saber ler nem escrever e sentem a necessidade de escrever e de ler para o uso diário. Vejamos a seguir cada Extrato, em análise.

* EXTRATO: 01 (Texto: aluno “A”- 17 anos-).

“ eu... num:: sabia dinada::::...

maizi:: depois da Solidária::::/

o negócio... mudou::::...é:::: já sei lê.

Considerando que a situação de exposição em sala de aula (Marcuschi, 1999) tem uma dimensão explicativa, julgamos necessária uma definição das atividades de explicação e pode estar presente nesse tipo de evento de natureza rural (Soares, 2002), uma denúncia.

Por esta razão, julgamos necessária uma definição das atividades de explicação que podem estar presentes nesse tipo de evento de alfabetização de EJA. A situação da EJA é um campo complexo/discriminatório porque envolve além do educacional, relacionados à situação de desigualdade sócio-econômica, política e cultural da população brasileira (Soares, 2003). Também, na opinião de (Soares, 2002b) essa fala constitui um apelo as políticas públicas enquanto uma forma sutil de denunciar a falta de comprometimento dos órgãos públicos e da inclusão social, para que de fato a educação possa ser um direito de todos (Zabala, 1999).

O ato de citar falas durante a interação verbal é comum e natural e tem a narrativa como contexto discursivo mais favorável ao seu surgimento, conforme demonstrado em

(Silva, 2001). Pode manifestar-se sob a forma de autocitação, dependendo da relação verificada entre a fonte e a reprodução da fala (Marcuschi, 1999), ao tratar do estilo do diálogo, descreve a citação de falas como uma das evidências lingüísticas do envolvimento de falante com o assunto tratado, traduzido o comportamento pessoal com o que está sendo dito ou pelo poder do diálogo/discurso que evidencia (Orlandi, 2000).

* EXTRATO: 02 (Texto: aluno “B”46 ANOS)

“ os povo:: di::z:: pra queê::eu...
adespoi:: de:: vê::ei :: vou...
estuda?::... ah! pa... dexá:::
o cabo:...da enxada:::.....

* EXTRATO: 03 (Texto: aluno “C”-73 anos)

“se::... eu... subece:: qui::
estuda:: era:: ton... bom:::...
eu...já:: tinha:: mimaticulado:
a:::..... maise::... tempo:::.....

Estas expressões de jovens e adultos situados no interior da sala de aula apontam para um conteúdo diferente. Cada expressão em si inclui tudo o que é objeto de aprendizagem em uma proposta de EJA.

De certa maneira, a definição de elementos de uso comum empregado nas práticas sociais de letramento denuncia aquilo que é preciso conhecer ou saber, mas, além disso, tudo o que também é objeto de aprendizagem na EJA, deparamo-nos com conteúdos de aprendizagem de natureza muito diversa os quais suscitam a necessidade de uma forma diferenciada de dar aula.

Outro aspecto relacionado com esse é que a área de Língua na EJA é essencialmente instrumental (procedimental) e, portanto, o núcleo dos conteúdos é os procedimentos que /como são trabalhados em aula. Ao que parece, a aprendizagem da linguagem na área do ouvir/falar e ler/escrever, que precisa ser tratada com vista a duas perspectivas: a da aquisição de um instrumento, tanto para a comunicação como para a aprendizagem.

Os conteúdos das três expressões relativos a três significados próprios de sujeitos distintos, nos direcionam para o conhecimento teórico-metodológico que o alfabetizador deve adquirir relativos às atitudes, aos valores e às normas necessárias para desencadear a aprendizagem significativa dos conhecimentos lingüísticos na EJA. A atitude de inclusão

Conclusões

A questão em torno da qual se desenvolve o esforço de análise neste trabalho é a compreensão do discurso/diálogo/texto didático-pedagógico predominante no quadro da educação brasileira, hoje, e seus efeitos reais sobre a ação docente.

As observações do espaço escolar em sala de aula de jovens e adultos da zona rural e análise de três expressões selecionadas e desenvolvidas por cada faixa etária que varia entre 17 e 73 anos, na qual esta investigação se concretizou, revelaram que ainda é preciso discutir muito sobre a qualidade.

No percurso que vai desde a produção até a sua aplicação efetiva em sala de aula, esse discurso apresenta inúmeros percalços, como por exemplo, a falta de se estabelecer um perfil mais aprofundado do aluno; a tomada da realidade que está inserido; a falta de uma política de formação de um profissional que atenda as necessidades teórico-metodológicas voltado para

atuar com jovens e adultos. Portanto, a categoria da pesquisa emergente que pode, em última análise, fornecer todos os princípios, ao mesmo tempo poder, anunciar a base da metodologia educacional para os dias de hoje, principalmente da educação de jovens e adultos, por meio do discurso vivido.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Marli Elza D. A de. Etnografia da prática escolar, Campinas: Papirus, 1995.
- FERREIRO, Emília. Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 24. ed. RJ: Paz e Terra, 1983.
- MARCUSCHI, L.A. Análise da conversação. 5. ed. SP: Ática, 1999.
- SILVA, Denise E. G. da. A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito. Brasília: unb, 2001.
- SOARES, L. (org.). Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação e adultos. B.H. Autêntica, 2003.
- _____. Alfabetização de jovens e adultos; diretrizes curriculares nacionais. RJ: DP&A., 2002.
- SOARES, Magda B. Alfabetização e Letramento. SP: Contexto, 2003.
- ORLANDI, Eni P A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4.ed. Campinas,SP: Pontes, 1996.
- ZABALA, Antoni (org.). Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. Tradução Ernani Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.